

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Anéte Terezinha Severo

**O MÉTODO NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS DE
SEIS ANOS**

Porto Alegre

2010

Anéte Terezinha Severo

O Método no desenvolvimento do Processo de
Alfabetização e Letramento das Crianças de Seis Anos

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, na modalidade EAD, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientador:

Prof. Dr. Leonardo Sartori Porto

Tutora:

Liseane Silveira Camargo

Porto Alegre 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este estudo ao meu neto, Pedro Henrique, por ser a minha inspiração, aos meus pais, Arno e Célia, ao meu marido, Luiz Carlos e aos meus filhos, Manoela e Marcelo, pela compreensão por minha ausência durante a realização desse trabalho, pelo carinho, pelo incentivo e por sempre torcerem por mim.

Ao concluir este estudo, quero agradecer...

...primeiramente a Deus, porque Ele, é a base de tudo;

...aos meus amados pais, por terem me dado à vida, pelo amor, preocupação, dedicação, educação e valores que me passaram.

... as meus filhos que tiveram que conviver com minha ausência como mãe durante a realização deste trabalho; em especial ao meu filho Marcelo por ter me alcançado suporte na informática quando surgia alguma dificuldade;

.... ao meu marido por acreditar em mim, sempre me dando apoio e força para seguir em frente, pela cooperação, paciência em ter convivido com minhas alegrias e angustias ao longo do curso, e agora na realização deste estudo final;

...a minha família que esteve sempre ao meu lado, cada um a sua maneira, mas todos torcendo e vivenciando cada etapa da minha caminhada no curso;

... a todos os meu alunos pelo carinho e aprendizado vivenciado e compartilhado nestes anos de estudo na graduação;

... à UFRGS por ter me proporcionado esta oportunidade através do EAD e a todos os professores e tutores do curso que através de suas mediações ajudaram a construir minhas aprendizagens, me aperfeiçoando como profissional e favorecendo o meu crescimento como ser humano.

..e, em especial ao meu orientador, Prof^o Dr. Leonardo Sartori Porto, pela sua atenção, paciência e tranquilidade durante a orientação, para a construção do presente trabalho.

RESUMO

O presente trabalho trata de refletir sobre o método fônico, metodologia integrante do Programa de Alfabetização, adotado pela escola em parceria com a secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, e as contribuições das arquiteturas pedagógicas, Mapas conceituais e Projetos de Aprendizagem, no contexto da sala de aula, adaptados ao processo da alfabetização e letramento de alunos de 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos, aos seis anos de idade. Portanto, seu foco está na alfabetização e letramento, constituídas entre metodologia fônica, arquiteturas pedagógicas e educação visando a construção de aprendizagens significativas por parte destes sujeitos, inseridos na referida turma.

Esta reflexão se constitui a partir das atividades realizadas durante o Estágio Docente no 1º semestre de 2010, numa Escola Estadual no município de Montenegro. Este estudo tem caráter de análise, que se organiza a partir de observações, anotações e análise das produções dos alunos. No período do Estágio foram desenvolvidos os Projetos de Aprendizagens que surgiram da curiosidade dos alunos. E também, por textos trazidos pelo programa de alfabetização, que apontavam para situações vividas em sala de aula. Entre os temas trabalhados está o intitulado, “Apelidos”. Este projeto surgiu a partir da necessidade de trabalhar valores, pois o referido assunto era algo muito pertinente entre os sujeitos da turma, pois o mesmo gerava conflitos entre os alunos. Este Projeto de Aprendizagem teve sua origem a partir da leitura de um texto chamado “Meu nome não é esse” que tratava da história de um menino, que sofria devido aos “nomes”, (apelidos) que os colegas da turma lhe atribuíam. Ao realizarmos a leitura deste texto, houve a identificação de muitos alunos da turma, com o menino da história. A partir de então, combinamos a construção deste Projeto de Aprendizagem, nele buscamos identificar e compreender os pontos positivos e negativos dos “nomes”, à pessoa que está recebendo-os.

Fez parte do planejamento, várias arquiteturas pedagógicas, e a metodologia fônica, ao mesmo tempo, motivo pelo qual este trabalho discute sobre a possibilidade de combinar as metodologias pedagógicas, ditas fônicas e significativas. Arquitetura pedagógica é uma proposta de atividade fundamentada no trabalho cooperativo com o uso de diferentes suportes pedagógicos, entre eles estão

os mapas conceituais, que é uma excelente ferramenta a auxiliar na condução às aprendizagens significativas.

A partir de aportes teóricos baseados na contribuição de Magda Soares, João Batista Araújo e Oliveira, Paulo Freire, Fernando Hernández, David P. Ausubel e Joseph Novak para o estudo sobre este assunto, apresentam-se, neste texto, algumas definições dos elementos constituintes de uma arquitetura pedagógica, no âmbito da aprendizagem significativa, destacando o quanto elas permitem que os alunos realizem atividades cognitivamente instigantes e desenvolvam métodos de trabalho interativos e construtivos, como também sobre a metodologia fônica para atingir uma escrita e principalmente, fluência na leitura. Portanto, as propostas pedagógicas enfocadas neste trabalho são os projetos de aprendizagem e o método fônico.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, arquiteturas pedagógicas, mapas conceituais, aprendizagem significativa, método fônico, programa de alfabetização.

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1 - Eu lendo a história para os alunos.....	30
Ilustração 2 - Aluna lendo para a turma	30
Ilustração 3 - Atividade do Manual da Consciência Fonêmica.....	33
Ilustração 4 - Mapa Conceitual da aluna (K) Parlenda: A Galinha Pintadinha	34
Ilustração 5 - Mapa Conceitual da aluna (E),Parlenda: A Galinha Pintadinha	35
Ilustração 6 - Mapa Conceitual cuidados no trânsito	36
Ilustração 7 - Mapa Conceitual cuidados no trânsito	36
Ilustração 8 - Aluna concluindo o MC sobre os cuidados do corpo.....	37
Ilustração 9 - -Identificando os fonemas (L/M) nas palavras.....	38
Ilustração 10 - Identificando os fonemas e grafemas faltantes nas palavras ..	39
Ilustração 11 - Identificando os fonemas e grafemas faltantes nas palavras .	39
Ilustração 12 - Atividade/Apelidos- aluno/Felipe.....	40
Ilustração 13 - Texto a partir do estudo dos apelidos	41
Ilustração 14 - Cartaze referente ao estudo sobre os nomes – Apelidos.....	41
Ilustração 15 - Cartazes referente ao estudo sobre os nomes – Apelido.....	41
Ilustração 16 - Placas dos apelidos da pesquisa.....	42
Ilustração 17 Placas dos apelidos da pesquisa	42
Ilustração 18 - Desenho sobre s história da chapeuzinho vermelho.....	45
Ilustração 19 - Desenho sobre s história da chapeuzinho vermelho.....	45

SUMÁRIO

1 Introdução.....	10
1.1 APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS AOS SEIS ANOS DE IDADE	12
1.2 Alfabetização e Letramento x Método Fônico	12
1.3 Instituição / Escola / Método Fônico / Estágio	15
1.4 Mapas Conceituais	20
1.5 Projetos de Aprendizagem	21
2 O MÉTODO NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADES.....	23
2.1 Local da Realização das Práticas de Estágio e Descrição dos Sujeitos:	23
2.2 Introdução da Análise.....	23
2.3 Analisando o Estágio	236
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
3.1 REFERÊNCIAS	50
3.2 ANEXO	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a metodologia fônica, ora desenvolvida a partir de um programa de alfabetização que tem por finalidade a construção do processo de alfabetização e letramento das crianças de seis anos de idade, do 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos. Igualmente, pretende mostrar a possibilidade de incluir no referido programa, mesmo este, em sua íntegra apresentar-se de forma “amarrada, fechada”, a possibilidade de inserir a estas ações pedagógicas, os projetos de aprendizagem sem desprezar a metodologia fônica, e da mesma forma, a inserção dos mapas conceituais, neste processo, como recurso pedagógico, pois estes têm sua teoria embasada nas implicações significativas, logo é uma excelente ferramenta que veio a contribuir às minhas ações, intencionando a produção de aprendizagens significativas ao longo dessa experiência.

Este estudo apresenta caráter de análise, parte de práticas docentes realizadas no primeiro semestre de 2010 com alunos de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola estadual do município de Montenegro, durante a realização do Estágio Curricular referente ao Curso de Pedagogia a Distância da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Este estágio teve o propósito de analisar e aplicar os conhecimentos acadêmicos adquiridos ao longo do referido curso, bem como citado anteriormente, consolidá-los com a ação pedagógica preestabelecida pelo programa de alfabetização adotado pela Escola em conjunto com a Secretaria de Educação do Estado do RS, buscando assegurar uma prática voltada à aprendizagem significativa.

Aborda ainda, as compreensões teóricas na visão de diferentes autores, de acordo com a revisão de leitura realizada no decorrer deste estudo. Por fim busca elucidar e compreender o processo de alfabetização e letramento, destacando algumas situações práticas em uma sala de aula, onde nas quais, o foco esteve centrado na leitura e escrita, na aprendizagem significativa, no pensamento crítico, dos sujeitos envolvidos no processo da construção da aprendizagem.

Meu planejamento das aulas se baseou em princípios e idéias apresentadas por Soares, Freire, Oliveira, Hernández, Ausubel e Novak, pois procurei envolver o aluno no processo de construção do conhecimento, mesmo tendo que realizar

práticas pedagógicas dentro da perspectiva fônica, foi possível através dos diferentes temas abordados pelo programa, linká – los ao cotidiano, interligando-os aos conceitos (conhecimento prévio) dos alunos, dar origem a construção de novos conceitos tornando os aprendentes autores de suas aprendizagens. Assim foi possível desenvolver atividades que envolveram projetos pedagógicos de aprendizagem e a consciência fonológica do método fônico concomitantes.

Partindo de temas trazidos pelo programa de alfabetização relacionando-os ao cotidiano dos alunos surgiram estudos que instigaram a curiosidade, a autoestima e a autonomia dos educandos. Nestas construções, os alunos fizeram entrevistas, pesquisas em casa e na escola, ilustraram gráficos, produziram conclusões de forma oral e escrita colabortivamente. A cada aula o entusiasmo era maior, junto a ele a aprendizagem, a alfabetização e o letramento acontecendo, já de forma natural, no transcorrer das últimas semanas do estágio.

Meu objetivo pessoal, neste período de estágio foi integrar as questões práticas às questões teóricas que vivenciei no curso, possibilitando a construção de conhecimento significativo pela ação – reflexão – ação. Penso que, trabalhando os diversos assuntos de maneira criativa, consegui com que meus alunos se tornassem sujeitos investigadores e responsáveis pela construção do seu processo de aprendizagem.

O conhecimento nasce da interação entre dúvidas e certezas. Os projetos de aprendizagem desenvolvem nos estudantes mecanismos de autonomia na aprendizagem, buscando ação e reflexão sobre as experiências.

1.1 APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS AOS SEIS ANOS DE IDADE

Busco neste capítulo, uma reflexão sobre a aprendizagem da leitura e da escrita da criança aos seis anos, idade em que ingressa no primeiro ano do Ensino Fundamental. Apresento também a compreensão de alguns teóricos sobre a questão da aprendizagem da leitura e da escrita, seu sentido, seus níveis e sua relação com a alfabetização. Esta revisão bibliográfica tem como objetivo a busca do suporte teórico a fim de encontrar elementos teóricos que me auxiliarão na posterior análise das aprendizagens dos meus alunos durante meu estágio supervisionado do curso de graduação em Pedagogia na modalidade à distância, pela Universidade Federal do Rio grande do Sul.

1.2 Alfabetização e Letramento x Método Fônico

Discute-se muito sobre alfabetização nos últimos tempos e seu significado sofreu consideráveis modificações, sobre tudo pela necessidade de melhorar a qualidade de ensino no nosso país.

Comumente, alfabetização é vista como o processo de aquisição do domínio mecânico de decodificar a língua escrita em oral (ler) e de codificar a língua oral em escrita (escrever), ou seja, acredita-se que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. “E por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.” (PCNs, vol.2, p. 55)

Nos dias atuais, o conceito de alfabetização vai além do ato de ler e escrever mecanicamente. Alfabetização é a construção do conhecimento processado pela compreensão e expressão de significados através do código lingüístico. Desta forma, a criança alfabetizada deve compreender aquilo que lê e deve escrever o que entende o que sente e o que imagina.

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintética, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão / compreensão. (SOARES, 2003.p.17)

Ao longo da história, a leitura e a escrita foram privilégio de poucos que, após esse primeiro aprendizado, continuavam seus estudos. Com o passar do tempo, mais pessoas se alfabetizaram, mas os índices avançaram em um ritmo muito lento. Hoje, caminhamos para um discurso de universalização da educação básica, porém desigualdades sociais e controvérsias pedagógicas sempre estiveram presentes e tem sido fator de inquietação e discussão em torno do processo de alfabetização.

Na minha experiência, a maior preocupação do professor alfabetizador, principalmente do 1º ano do Ensino Fundamental, é que seu aluno tenha dominado o código lingüístico, para que assim possa promovê-lo para o 2º ano de modo que, a professora do ano seguinte possa dar continuidade aos estudos sem problemas, já que o aluno de 1º ano não reprova sabendo, ou não, ler e escrever. Diante disso, temos a realidade que verificamos, nas nossas escolas brasileiras, pois o mesmo processo mecânico de alfabetização continua nos anos subseqüentes, ou seja, a defasagem na aprendizagem se torna cada vez maior por ser sem significado para o aluno.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação, cada mil crianças que, no Brasil, ingressaram na 1ª série em 1963, apenas 449 passaram à 2ª série, em 1964; em 1974 - portanto, dez anos depois - de cada mil crianças que ingressaram na 1ª série, apenas 438 chegaram à 2ª série, em 1975. Quando dispusermos de dados semelhantes para a década de 1980, a situação não será diferente, segundo indicam estatísticas que as secretarias Estaduais de Educação vêm apresentando anualmente. (. . .) Pode-se dizer que, neste início do século XXI, o problema permanece; a diferença é apenas que, hoje, os alunos não rompem a barreira do 1º ciclo, que substitui a 1ª série como etapa de alfabetização, ou, no caso de sistemas que optaram pela progressão continuada, passam ao ciclo seguinte ainda não alfabetizados. (SOARES, 2003, p. 13-14)

São muitas as pesquisas realizadas e a soma de vários livros escritos sobre o assunto. Magda Soares doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, conclui que as causas do fracasso na alfabetização podem ser:

- O contexto cultural do aluno, o ambiente familiar e as vivências socioculturais;
- Problemas de saúde, psicológicos ou de linguagem da criança;
- Incompetência do professor;
- Ineficiência dos métodos utilizados pelo professor;
- Material didático inadequado às experiências dos alunos;
- Dificuldades na relação entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa.

Verdadeiramente, qualquer uma dessas causas conduz à realidade da dificuldade em desbaratar com a barreira da leitura compreensiva e interpretativa. Posso particularmente, relatar que eu mesma sinto essa dificuldade, pois a forma tradicional de leitura e escrita me foi ensinada desde os primeiros anos escolares perpetuando no curso de Magistério. Com o ingresso na universidade aperfeiçoei meus conhecimentos como docente, e procuro aplicá-los em meus fazeres pedagógicos em sala de aula. Mas, no entanto, em alguns momentos me percebo ainda, resistente ao novo, às mudanças em relação aos métodos e técnicas para a formação de alunos leitores, autores dos seus saberes.

Evidenciando notável fracasso referente à alfabetização no Brasil, é possível compreender que mudanças na educação brasileira seriam necessárias acontecer. Surge então, o termo letramento, com um novo significado. A palavra tornou-se mais freqüente no discurso falado e escrito a partir da metade da década de 80, entre os especialistas em educação.

A sala de aula deverá realmente ser um espaço onde se contemple ações que viabilizem momentos de construção do saber e por conseqüência resultem em descobertas, tornando o espaço escolar num lugar prazeroso em que, as trocas e vivências sejam elucidadas, principalmente, quando as crianças estão no período do ciclo da vida que diz respeito à segunda infância, mais precisamente na idade dos cinco a seis anos.

Contudo, a busca por melhores resultados na educação, mais precisamente na alfabetização, está ainda a percorrer um longo caminho, pois segundo pesquisas recentes, apontam resultado preocupante devido ao alto número de brasileiros analfabetos e de maus leitores. Diante desta realidade, originou-se um estado de inquietação entre os pedagogos e especialistas na arte de alfabetizar e da educação num modo geral. Inquietações, que fizeram surgir novos discursos e novos debates em torno dos métodos de alfabetização, mais precisamente no primeiro ano do ensino fundamental, crianças na faixa dos seis anos de idade. E nada mais natural que as escolas gaúchas também, juntamente com seus governantes estarem igualmente inquietas neste discurso.

1.3 Instituição / Escola / Método Fônico / Estágio

Objetivando um novo horizonte para a alfabetização e letramento de nossas crianças, do primeiro ano do ensino fundamental de nove anos, a Secretaria de Educação do Estado do RS escolheu aleatoriamente 677 turmas de primeiro ano em 536 escolas, que receberam quatro tipos de intervenção na sua metodologia de alfabetização: Entre as mesmas estão, as metodologias A, B, C, e D, sendo escolhida aquela que usa o método fônico, pela E. E. E. Fund. Cel. Januário Corrêa, instituição em que realizei meu estágio supervisionado, durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, que teve por determinação da secretaria de educação do RS, realizar suas práticas pedagógicas fundamentadas no referido método, para desenvolver o processo de alfabetização das crianças aos seis anos de idade, do primeiro ano do ensino fundamental de nove anos.

Segundo Oliveira (2010) nestas últimas três décadas, os especialistas da alfabetização chegaram a importantes consensos a respeito do que é relevante ensinar e aprender durante o processo de alfabetização. Esses estudos são conhecidos sob o nome de Psicologia Cognitiva da Leitura.

A maioria dos países com sistemas alfabéticos de escrita baseia seus programas de alfabetização, nas conclusões e recomendações no Relatório do Painel Nacional de Leitura, (National Reading Repórt Panel), publicado no ano de 2.000. Essas conclusões sobre o processo de alfabetização, também foram reafirmadas em 2009, no Brasil, pela Academia Brasileira de Ciências.

A manipulação de fonemas é altamente eficaz sob as mais variadas condições de ensino. A consciência fonológica amplia significativamente a capacidade de leitura da criança, mais do que qualquer outra técnica que desconsidera aspectos fônicos. O método fônico não é uma técnica completa de ensino, embora forneça às crianças conhecimento fundamental do sistema alfabético. Mas é parte essencial num programa de alfabetização de sucesso. É preciso, porém, desenvolver a consciência fonológica, ou seja, não ficar limitado ao ensino da relação letra-som e sim aplicar os ensinamentos à compreensão de textos. A aplicação sistemática do método fônico produz benefícios em estudantes do jardim de infância à sexta série (acima disso ficou comprovado que a técnica pouco acrescenta aos estudantes) e para crianças em geral com dificuldades (KAMINSKI e GIL apud READING, APRENDIZ revista educação, ed. 244, 2001)

Conforme Kaminski e Gil (2001), o National Reading Repórt Panel, traz algumas recomendações que apontam para a clareza dos objetivos sobre o que é alfabetizar, e em que ano ou anos escolares isso deve ser feito; A Viabilidade de atingir os objetivos propostos nos prazos previstos; Um programa de ensino claro e viável; recursos e materiais humanos adequados aos resultados esperados.

KAMINSKI, kristhian e GIL, Patrícia. **Aprendiz, revista educação**: Edição nº 244, Agosto 2001: Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/agosto01/capa.htm Acessado em 10/11/2010.

Conforme Oliveira (2010), a descoberta do funcionamento do código alfabético, ou seja, saber que letras representam os vários fonemas de nossa língua, é competência a ser desenvolvida pelos programas de alfabetização que por sua vez, tem como conteúdo o alfabeto. Para ler, o aluno precisa traduzir em som o que está representado por escrito. Para escrever, o aluno precisa traduzir em letras o que ele ouviu ou pensou. O alfabeto é a transcrição de um sistema (sonoro) em outro (gráfico), por isso que o alfabeto se chama um código.

Um programa de alfabetização envolve o desenvolvimento de diferentes competências. Por conseguinte, entende-se que devem ser incluídos materiais diversos, voltados para o desenvolvimento dessas diferentes competências que o aluno precisa adquirir. Em vista disso, nada mais natural do que haver diferentes métodos utilizados para o ensino dessas diferentes competências.

No entanto, quando se fala de métodos de alfabetização, o que se discute fundamentalmente é como ensinar a criança a descobrir o funcionamento do código alfabético, ou seja, como ensinar a decodificar.

O processo de alfabetização envolve o domínio de um conjunto delimitado de competências que são bem conhecidas. Todavia, para alfabetizar de maneira consistente, é necessário dominar, em ordem as competências a seguir compreendendo que o primeiro passo do processo da alfabetização envolve:

- **A descoberta do alfabeto:** Compreensão de que **o alfabeto é um código, que** a palavra é formada por letras.
- **A descoberta do princípio alfabético:** Entendimento de que as letras representam os sons da fala.
- **A consciência fonêmica:** Identificação de que a palavra é formada por letras, e que cada letra tem um valor sonoro.
- **Aprender o código alfabético:** O valor dos fonemas, (som) das letras.
- **O reconhecimento automático das palavras.** Passo paralelo ao processo de aprendizagem da decodificação.
- **Fluência de leitura:** Acriança deverá estar lendo cerca de 250 palavras por minuto.

- **Código ortográfico:** A criança mostra que aprendeu o código alfabético. Decorre da leitura freqüente e de algum conhecimento da sintaxe, ex.: (cansam é verbo, canção é substantivo),

Portanto, a alfabetização fônica tem o intuito de possibilitar à criança, através da composição e combinação de exercícios de desenvolvimento da consciência fonológica e do ensino de correspondências entre grafemas e fonemas, a aquisição da leitura e escrita. A consciência fonológica vem sendo vista como um aspecto fundamental na aquisição da escrita, por estar intimamente relacionado a estar conscientemente atento aos sons da fala.

A leitura, do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma “tecnologia”), é um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Essas categorias não se opõem, complementam-se; a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos. (SOARES, 2001, p. 68)

O método fônico afirma que o texto deve ser introduzido de modo gradual, com complexidade crescente. Isto, na medida em que a criança for adquirindo uma boa habilidade de fazer decodificação, estiver desenvolvido a consciência fonológica de correspondências, entre grafemas e fonemas.

No estágio alfabético, as relações entre o texto e a fala se fortalecem primeiro em relação à escrita e, depois, também em relação à leitura. Durante a escrita, a seleção das letras e o seu seqüenciamento passam a ficar sob controle dos sons da fala. Do mesmo modo, na leitura, a seleção e o seqüenciamento das sílabas e dos fonemas durante a pronúncia passam a ficar sob controle das sílabas escritas e dos grafemas do texto.

Este resultado é conseqüência da exposição de instruções de correspondência entre letras e sons à criança, pelo professor. E ela passa a fazer a escrita por codificação fonografêmica, ou seja, falando consigo mesma e convertendo os sons da fala nas suas letras correspondentes.

Pelo mesmo princípio, mas no sentido inverso, a criança começa a ser capaz de fazer leitura por decodificação grafofonêmica, ou seja, convertendo as letras em seus respectivos sons. Neste estágio, a criança aprende o que chamamos de princípio da decodificação na leitura (isto é, a converter as letras do texto escrito em seus sons correspondentes) e o da codificação na escrita (isto é, a converter os sons da fala ouvidos ou apenas evocados em seus grafemas correspondentes).

No momento em que a criança dominar esses princípios, logo ela passará a ser capaz de ler e escrever qualquer palavra, mesmo "palavras inventadas", ou melhor, pseudopalavras.

Que relações devem ser instaladas entre decodificação e significação? As correspondências podem e devem ser aprendidas no contexto da palavra. Não só o interesse da criança pode ser captado mais facilmente, mas também os exercícios fônicos sobre palavras contribuem para a focalização da atenção da criança sobre cada letra de cada palavra, e desse modo, para a elaboração da representação mental de seus padrões ortográficos. (MORAES, 1996, p. 274)

As Pseudopalavras consistem em seqüências de letras em combinações que, como são aceitáveis para a ortografia, podem ser pronunciadas, embora careçam de qualquer significado. Quando a criança consegue ler e escrever pseudopalavras, ela está pronta para ler e escrever qualquer palavra nova, e para aprender por si mesma o seu significado, quer por inferência direta a partir do texto, quer com o auxílio de um dicionário.

Conforme MORAES (1996) é essencial que os textos que são dados para a leitura do leitor-aprendiz só contenham palavras cuja ortografia seja regular e dependa, tanto quanto possível, de regras simples. As diferenças demasiado importantes entre as lições fônicas e as correspondências encontradas nos textos correm o risco de perturbar a criança e não lhe permitir beneficiar-se da instrução. Ensino fônico e leitura de palavras e frases devem interagir de maneira positiva.

De início, tal leitura por decodificação, bem como a escrita correspondente por codificação, são muito lentas. No entanto, à medida que a criança vai se exercitando na leitura e na escrita, ela vai se tornando cada vez mais rápida e fluente no exercício dessas habilidades. Consequentemente, a criança passa a

processar agrupamentos de letras cada vez maiores, chegando a processar palavras inteiras. Neste ponto, ela está deixando o segundo estágio e entrando no terceiro, o ortográfico.

No estágio ortográfico, a criança aprende que há palavras que envolvem irregularidade nas relações entre os grafemas e os fonemas. Logo irá compreender que pode concentrar-se na memorização das exceções às regras (isto é, na ortografia das palavras irregulares). Neste ponto, seu sistema de leitura pode ser considerado completo, e a criança passa a tirar vantagem crescente da frequência com que as palavras aparecem, conseguindo lê-las com cada vez maior rapidez e fluência, por meio do reconhecimento visual direto (isto é, pela estratégia lexical), e não mais exclusivamente por meio de decodificação (pela estratégia fonológica).

Desse modo, a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas: inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos: a habilidade de captar significados: a capacidade de interpretar seqüências de idéias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada [...] de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2001, p. 69)

Finalmente então, as palavras conhecidas e familiares, ou de composição morfológica evidente, podem ser lidas mais rapidamente, pela estratégia lexical de reconhecimento visual direto. A propósito, as palavras com irregularidades grafofonêmicas precisam ser lidas por esta estratégia já que, se fossem lidas pela estratégia fonológica, elas seriam pronunciadas incorretamente (isto é, ocorreria erro de regularização fonológica) e a criança não compreenderia o que está lendo. Por exemplo, a palavra EXÉRCITO precisa ser lida lexicalmente para que possa ser compreendida. Se a criança tentar usar a estratégia de leitura fonológica, ela irá pronunciar o X não como "z", mas sim como "ch", e isto certamente tenderia a comprometer a sua compreensão de leitura.

1.4 Mapas Conceituais

Nestes últimos tempos ocorre uma demanda crescente de metodologias que integram as tecnologias da informação e comunicação nos fazeres pedagógicos dos professores do ensino da rede pública. Frente a esta realidade, o Ministério da Educação do Brasil informatizou as escolas públicas e investiu na criação de Núcleos de Tecnologias Educacionais (NTS). Estes núcleos viabilizaram a formação de professores das escolas públicas, que hoje atuam como multiplicadores.

Tendo a base teórica nas implicações significativas, os mapas conceituais são uma ferramenta, uma metodologia, e um excelente aliado para a construção do conhecimento humano, pois promovem à construção de conceitos, por meio de frases de ligação, tornando a aprendizagem de fácil compreensão e assimilação. Deste modo, o Mapa Conceitual é elemento metodológico essencial na construção dos Projetos de Aprendizagem.

1.5 Projetos de Aprendizagem

Buscando nos ensinamentos de FREIRE (1997) respostas às minhas inquietações, sobre meu fazer pedagógico, sobre as reações comportamentais dos discentes em dados momentos da aula, encontrei uma frase que diz: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Logo entendo que: ninguém educa ninguém, mas ninguém se educa sozinho.

Esta reflexão me levou a compreensão da necessidade de trabalhar projetos de aprendizagem juntamente com a metodologia fônica, que estava desenvolvendo com os alunos. Assim sendo, tornaria as aulas com real significado, pois concordo com Freire e penso que o ser humano se educa quando ele se põe em contato, em diálogo, “em comunhão” com outros seres humanos, e, juntos, refletem sobre os seus sonhos e a realidade.

[...] um “projeto” implica situar-se num processo não acabado, em que um tema, uma proposta, um desenho esboça-se, refaz-se, relaciona-se, explora-se e se realiza. (HERNÁNDEZ, 1998, p.89)

É natural do ser humano a atividade de fazer projetos, pois estamos a todo momento elaborando-os, como por exemplo, quando pensamos nas realizações que almejamos estamos arquitetando um projeto, pois estamos pensando e refletindo sobre como fazê-lo, tornar real aquilo que queremos. Por intermédio da atividade de fazer projetos que se busca a solução de problemas e desenvolve-se o processo de construção de conhecimento, que dá origem às ciências naturais e sociais, como também às artes.

HERNÁNDEZ (p.88, 1998) fala que os projetos de trabalho constituem um planejamento de ensino e aprendizagem vinculado à aquisição de estratégias cognitivas de ordem superior, mas também ao papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem. Significa enfrentar o planejamento e a solução de problemas reais e oferece possibilidade de investigar um tema partindo de um enfoque relacional que vincula idéias-chave metodologias de diferentes disciplinas.

A luz destas concepções referentes aos projetos de aprendizagem, e ou, de trabalho, e acreditando que educar é desenvolver as competências necessárias, que tornam uma pessoa capaz de viver uma vida autônoma, produtiva e responsável, fiz um viés acrescentando os projetos de aprendizagem em minhas práticas pedagógicas, incluindo-os à metodologia fônica, resultando numa verdadeira miscigenação de fazeres. As aulas se tornaram descontraídas, alunos se envolvendo, participando, se movimentando em busca da construção do conhecimento e somando resultados positivamente surpreendentes, pois os mesmos envolvem o aluno, com criatividade.

Portanto, a pedagogia de projetos de aprendizagem procura aguçar a criatividade e a imaginação das crianças ao ingressar na escola. Incentiva-as a pensar em coisas que gostariam de aprender e de fazer. Cabe ao professor estimular os alunos a comprometerem-se na pesquisa de idéias, na aplicação de processos intelectuais em problemas de interesse pessoal ou social encontrar formas de, em cima desses interesses, tornar a atividade dos aprendentes significativa e útil no desenvolvimento de competências e habilidades básicas importantes para que vivam vidas autônomas, produtivas e responsáveis;

2 O MÉTODO NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADES.

No capítulo anterior, procurei registrar as idéias de alguns autores a cerca da contribuição dos métodos na construção do processo de alfabetização, na aquisição da leitura, escrita e letramento. Agora, neste capítulo, iniciando a análise do meu estágio supervisionado (conhecimento empírico), teço algumas considerações sobre a proposta de trabalho, (estágio), que realizei com meus alunos, com o objetivo de mostrar o desenvolvimento da construção do processo de alfabetização e letramento durante minhas práticas pedagógicas e atuação como estagiaria no Curso de Licenciatura em Pedagogia.

2.1 Local da Realização das Práticas de Estágio e Descrição dos Sujeitos:

O projeto de estágio foi desenvolvido de doze de abril a dezesseis de junho de dois mil e dez, numa turma de 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos, em uma escola estadual de Ensino Fundamental Completo, localizada num bairro de classe média, num município pertencente a Grande Porto Alegre. A turma era constituída por onze meninos e onze meninas, todos com seis anos completos, vindos das diversas Escolas de Educação Infantil do município, sendo a maior parte dos alunos pertencentes à classe média.

2.2 Introdução da Análise

Ensaio e discussões são freqüentes quando o assunto é alfabetização. Temos em nosso cenário do dia a dia das nossas escolas professores ansiosos, talvez possa se dizer até, inseguros, quanto à questão das metodologias. As indagações são muitas. Que método seguir? O método poderá influenciar de forma positiva ou negativa na alfabetização das crianças nesta faixa etária? Ou é possível

alfabetizar sem nenhum método? Como acertar? Estas são algumas das inquietações que se ouve numa sala de professores, no intervalo, ou numa reunião pedagógica.

Essas inquietações brotam a todo instante no contexto educacional, devido a este momento histórico que estamos vivendo, no qual o analfabetismo apresenta-se como intolerável, onde a questão metodológica da alfabetização aparece como central. Tendo em vista tal realidade o corpo docente de nossas escolas encontra-se em estado de busca de respostas para a questão da alfabetização. Tarefa nada fácil, pois exige grande comprometimento do professor, para que o seu aluno possa realmente se alfabetizar e ainda tornar - se, um sujeito letrado a partir de suas próprias construções e constatações do mundo a sua volta.

A criança alfabetizada deve compreender aquilo que lê e deve escrever o que entende o que sente e o que imagina. Para SOARES (p.16, 2003), o duplo significado dos verbos ler e escrever não implica veracidade ou falsidade de um ou outro significado, assim também os dois pontos de vista sobre o conceito de alfabetização não implicam veracidade ou falsidade de um ou outro conceito. Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas e palavras isoladas, como também não consideraria “alfabetizada” uma pessoa incapaz de , por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ou expressar-se por escrito.

Tendo a concepção de que a criança alfabetizada deve ser capaz, não somente de exercer a leitura e a escrita de códigos e símbolos, mas sim ser capaz de interpretar e compreender seu contexto, seus sonhos e ideais, penso que o processo da construção da aprendizagem deve ocorrer de forma voltada para seu aspecto social, como também, a influencia que este aspecto, advindo do meio em que o circunda, exerce sobre ele e sobre a criança.

Como falei anteriormente, o tema alfabetização nos últimos tempos, está sendo assunto em todas as esferas da sociedade brasileira. Seu significado sofreu consideráveis modificações, sobre tudo pela necessidade de melhorar a qualidade do ensino em nosso país. Na busca deste novo horizonte para a alfabetização e

letramento, a instituição em que realizei meu estágio supervisionado da graduação, encontra-se engajada.

Apostando na formação de leitores melhores e que estes, ao concluir o ensino fundamental, realmente sejam agentes de suas próprias construções e acreditando, que partindo do princípio da leitura fluente desde o primeiro ano do ensino fundamental, mais precisamente aos seis anos de idade, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Januário Corrêa concretizou um acordo, em dois mil e oito, com o órgão governamental, (Secretaria de Educação do Estado). Neste acordo consta que a Escola deve adotar o Programa de Alfabetização que é constituído pelo Método Fônico, para suas práticas pedagógicas e desenvolvimento da construção do processo da alfabetização das crianças do primeiro ano do ensino fundamental, de nove anos.

Sendo a professora titular de duas turmas de primeiro ano, nesta escola, conseqüentemente tive que me adequar e realizar as práticas pedagógicas durante o meu estágio supervisionado, dentro das perspectivas do referido método.

No princípio foi difícil, pois era algo totalmente desconhecido por minha parte. Eu acreditava que o meu estágio seria a oportunidade de por em prática as diferentes teorias que vínhamos estudando durante o curso por isso, compreendia o programa como sendo uma imposição, inviabilizando a autonomia na realização das práticas pedagógicas como tal.

Acredito que este sentimento se originou em mim devido aos estudos no PEAD, pois ao longo do curso, vínhamos estudando a importância de se desenvolver a pedagogia de projetos, mapas conceituais. O curso fez um debruçar sobre a importância das práticas pedagógicas significantes, instigantes nas quais o aprendente e ensinante constroem juntos o conhecimento, logo os projetos de aprendizagem e mapas conceituais são ferramentas pedagógicas ideais para a construção do processo de alfabetização e letramento.

Também penso que o fato de estar alfabetizando a cerca de treze anos, e baseando minhas práticas pedagógicas alicerçadas nos ensinamentos de Freire, Piaget, Soares e Hernández. Estes em suas falas contemplam a aprendizagem significativa e a resignificação do conhecimento prévio podendo o mesmo, ser trabalhado de forma envolvente através dos projetos de aprendizagem.

Durante essa trajetória, sempre desenvolvi minhas práticas pedagógicas de modo que o aluno fosse autor de suas construções do saber, ele significando e

resignificando seu próprio conhecimento, tornando-se autônomo, sujeito de suas ações. E o professor, por sua vez sendo um mediador, instigador e não um mero repetidor, da forma como o método fônico praticamente se apresenta. Mas com o passar das aulas, tanto eu, quanto os alunos fomos nos acomodando, e aos poucos damos vida às práticas pedagógicas, que vinham do programa para nós, já prontas e fechadas, inclusive datadas previamente.

2.3 Analisando o Estágio

Como já falei anteriormente, embora sendo a professora titular da turma, desde o início do ano letivo, cada dia vinha sendo um desafio para mim no que se refere à acomodação, pois para todos da turma era a primeira experiência de escola-sala de aula. E também, na questão de dar conta do desenvolvimento e aplicação das práticas pedagógicas orientadas pelo Programa de alfabetização, adotado pela Escola. As aulas do programa foram iniciadas em cinco de abril, portanto na semana anterior ao início do estágio. Igualmente, nas primeiras semanas do estágio supervisionado, o desafio parecia ser ainda maior. Encontrei dificuldade para desenvolver na íntegra, o planejamento que o referido Programa de Alfabetização apresenta. O mesmo é de uma forma bastante fechada, esquematizado com as combinações fônicas e cronometrado, ou seja, com datas estabelecidas para a realização das aulas das lições. Logo, havia um tempo a seguir, que tinha que ser respeitado.

Desenvolver algo ou aplicar aquilo que você não criou se torna bem mais difícil. Dar vida e tornar real a intenção do planejamento, como a exemplo, este programa de alfabetização, que vem para nós, como já citei anteriormente, em sua forma “fechada” é realmente um desafio para os tempos atuais em que estamos vivendo a era da globalização, das tecnologias, da informação.

Os pequenos se detinham num tempo máximo de quinze a vinte minutos na mesma atividade, e logo surgia uma proposta de brincadeira por parte deles. As solicitações de ir ao pátio para brincarem eram uma constante, conversavam muito e eram bastante lentos na realização das atividades. Logo, compreendi que a necessidade de brincar ainda era muito grande. Inicialmente esta foi a maior

dificuldade, motivo que muitas vezes fez com que alguns deveres da aula, que vinham estabelecidos pelo programa, ficavam por realizar.

As características do comportamento e situações ocorridas, anteriormente descritas me levam ao encontro das conclusões de Magda Soares, quando em sua fala, apontando entre outros fatores, diz que o contexto cultural do aluno, o ambiente familiar e as vivências socioculturais refletem comportamentalmente em suas ações de educando, em sala de aula. E em conseqüência, possivelmente poderá culminar em déficit na aprendizagem, resultando o fracasso na alfabetização.

É natural as crianças gostarem de brincar, porque são crianças e toda criança necessita brincar, essa necessidade parece ser mais acentuada, quando vem de um ambiente familiar não tão favorável ao brincar. O brinquedo é a oportunidade de desenvolvimento, pois é brincando que a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, as brincadeiras proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

Neves, (apud MAURÍCIO 2006) “O lúdico apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. Assim, na idade infantil e na adolescência a finalidade é essencialmente pedagógica. A criança e mesmo o jovem opõe uma resistência à escola e ao ensino, porque acima de tudo ela não é lúdica, não é prazerosa”.

Grande parte das crianças não tinha disciplina, pois não permanecia em seu lugar, não aceitava que tínhamos combinados, como por exemplo, a hora de lanche, a vez de falar, respeitar o lugar do colega, e outros. . . Da mesma forma, a noção de tempo foi outro fator bastante difícil no início do processo escolar dessas crianças, porque a todo o momento havia alguém com a mochila nas costas querendo ir embora, pois pensava estar muito tarde e que estaria na hora de ir para casa.

O não saber cuidar de seu material foi outro fator que tomava grande parte do tempo da aula, pois a todo o momento havia alguém chorando por ter perdido algo do seu material, ou algum colega o pegara acreditando que era seu, por este ser igual ao do outro, etc. Toda esta situação me leva ao encontro dos ensinamentos de Freire, quando diz: “Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de

nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam”. Paulo Freire, (Pedagogia da Autonomia, p.54,1996).

Devido a todo este quadro anteriormente descrito realizei no dia treze de abril, às dezenove horas, juntamente com a direção e supervisão da Escola, uma reunião de pais. Foi tudo muito bem. Alguns pais diziam ter percebido um progresso bem notável em seus filhos após o início do Programa, no sentido do comprometimento com o dever de casa e também, no que diz respeito à independência, a autonomia e cognição. Mas igualmente houve outros pais, que discordaram de tantas atividades e diziam pensar que seus filhos deveriam brincar mais, devido a pouca idade, e que a quantidade de atividades poderia acarretar futuramente num cansar de estudar e, por fim resultar em perder o interesse.

POZO (2002) salienta que “a motivação deve ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem. Atualmente o avanço tecnológico e os brinquedos interativos vêm ocupando o tempo da criança e de uma forma que hoje, estes são a maior dificuldade, pois a escola já não encanta, pois nela não existe o que o mundo tecnológico oferece”. Junto a esse fator, soma-se o programa rígido de aprendizagem que vinha desenvolvendo, o que justifica a fala dos pais. Percebi então, que se fazia necessário uma reflexão sobre minhas práxis.

O método de alfabetização é um fator que procura determinar as estratégias para a aprendizagem da leitura e escrita. O método fônico é classificado como método sintético, pois parte da identificação de um elemento da palavra para chegar à formação de um todo significativo. Busca o desenvolvimento de atividades metafonológicas, (fônicas) e o ensino das correspondências grafofonêmicas, (grafemas) com o intuito de possibilitar à criança a aquisição da leitura e escrita competentes. A alfabetização fônica é composta pela combinação de exercícios de desenvolvimento da consciência fonológica e do ensino de correspondências entre grafemas e fonemas.

As aulas foram acontecendo. Mais precisamente na segunda semana do estágio ocorreram momentos bons, proveitosos, momentos em que as crianças participaram se envolveram no fazer, e também se divertiram.

O Método Fônico é um ensino que busca permitir à criança descobrir o princípio alfabético e, progressivamente, dominar o conhecimento ortográfico próprio de sua língua. Logo, o Método Fônico ensina, de forma explícita, a relação entre grafemas e fonemas, (letras e sons).

Esta forma explícita de ensinar se baseia em rimas, versos, cantigas de rodas, na elaboração de ruídos, sons emitidos por animais. Por exemplo: Nas aulas desta semana estudamos as vogais de som “aberto”. Para fixar o som da letra “é” imitamos uma cabra que faz meeéé, para fixar a letra “ó” imitamos um galo que faz có, có, có, e assim sucessivamente, porém, nem todos os alunos conhecem a cabra, ou já viram um galo. As crianças riram, foi uma diversão para elas, imitar o som dos animais. Elas adoraram embora, muitas da turma nunca os tenham visto.

A concepção do método global, que vinha me acompanhando durante toda a minha trajetória de alfabetizadora, me fez acreditar que o método fônico não é método correto. Pensava que a metodologia fônica trazia práticas não significativas. Temia que as aulas se tornassem vazias, sem encanto e acabaria por estar correndo o risco de poder desestimular o aprendiz.

FREIRE (1996) nos diz que devemos nos apropriar de uma metodologia pautada no universo do educando “o pensar dos homens referido à realidade, seu atuar, sua práxis”, ou seja, buscar as riquezas existentes nas vivências de mundo, que cada sujeito traz consigo e não um mundo totalmente desconhecido, ou sem significado para o educando.

Partindo destes princípios, procurei dentro do possível introduzir algumas brincadeiras dirigidas, entre elas as brincadeiras folclóricas, como as cantigas e brincadeiras de rodas, ou alguma sugestão que as crianças traziam. Como tínhamos que imitar os animais para fixar o som das vogais, solicitei que trouxessem figuras dos quais imitávamos e eu também, da mesma forma. E assim, as atividades e as aulas foram se tornando mais atrativas.

Nesta segunda semana optei por ser mais flexível, pois percebi que o desejo de brincar era mais forte do que o desejo de estudar os fonemas e os grafemas.

Tínhamos o livro Gigante. (oferecido pelo programa de alfabetização) Nele havia muitas histórias e cantigas para a faixa de idade da turma. Este momento era esperado por todos com grande expectativa, todos os dias. Fazíamos uma rodinha e eu lia, contava as histórias. Geralmente os colocava dentro da história como sendo um dos personagens da mesma. Era uma “festa”.

Só ouvia a voz dos pequenos futuros leitores em coro dizendo:

-“Profe Conta de novo!” – “Conta mais uma história!” -“Lê mais outra!”

A cada aula as solicitações para este momento eram crescentes, era motivador de euforia, e prazer.



Ilustração 1- Eu lendo a história para os alunos



Ilustração 2 - Aluna lendo para a turma

Com o passar das aulas fui percebendo que as crianças estavam se acomodando e o interesse fluindo e a busca pelos livrinhos de literatura que o programa oferece, crescendo a cada aula.

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é de certa forma, **letrada**. (SOARES, 2001, p. 24)

Na terceira semana já foi possível perceber, as crianças mais interessadas em participar. Estavam começando a se entusiasmar um pouco mais, ou seja, eram notórios a alegria e brilho no olhar. Pois, mas a grande maioria estava percebendo os fonemas e estabelecendo relação com os grafemas.

Quando falamos de métodos de alfabetização, o que se discute fundamentalmente é como ensinar a criança a descobrir o funcionamento do código alfabético, ou seja, como ensinar a decodificar. Por isso, para alfabetizar de maneira consistente, é necessário dominar, em ordem as competências a seguir compreendendo que os passos do processo da alfabetização envolvem: o alfabeto, o princípio alfabético, a consciência fonêmica, o código alfabético, o reconhecimento automático das palavras, a fluência de leitura e o código ortográfico. Logo, o processo de alfabetização consiste no domínio de um conjunto delimitado de competências.

Em análise, é possível entender que neste período da terceira semana, as crianças já estavam num processo de assimilação de quatro, das sete competências, dentre elas, a Descoberta do Alfabeto, pois começaram a identificar que a palavra é formada por letras, que cada letra tem um valor sonoro, e por fim, o Código Alfabético, porque estão reconhecendo valor dos fonemas, (som) das letras. Isto ficou claro durante a realização das atividades sugeridas pelo Manual da Consciência Fonêmica.

As atividades do MCF (Manual da Consciência Fonêmica) estabelecidas para esta semana foram atividades bem variadas, cantigas, rimas, trava-línguas, etc. E assim, as aulas se tornaram um pouco mais descontraídas, mais atrativas, possibilitando a visualização, embora lento, que a construção do processo da aprendizagem, por parte dos aprendentes havia, partido do ponto nulo. Neste período o grafema em cena era a consoante L e as vogais já haviam sido trabalhadas nas semanas anteriores. Então o fonema /L/ ou, som do /L/ com as vogais levaram os pequenos a criarem várias palavras. Por exemplo: Lula, Lili, Lia, Lua, óleo, ele, alô. Também construímos frases como: Lulu leu o livro de Lilo. E a leitura da mesma por várias vezes.

Através de comandos como: Levantar as mãos quando ouvir o som do L no começo da palavra, bater uma palma, ao escutar o som do L no meio da palavra, bater duas palmas se o som do L estiver no final da palavra, etc.

O Método Fônico tem sua base primeiramente na memorização da fonética dos grafemas. Inicialmente, as palavras formadas com as letras em estudo não têm sentido para as crianças. Em vista disso, no primeiro momento fiz um julgamento errôneo sobre a metodologia deste programa de alfabetização, devido ao fato do mesmo ser algo novo para mim.

O método fônico é basicamente repetição, exige que o aluno tenha disciplina e muita concentração, o que vinha sendo uma dificuldade em alguns momentos da aula, principalmente, quando estava na introdução da letra nova. Percebi que os alunos sentiam certo desinteresse no início de cada nova lição, e com o passar das aulas, esse comportamento de apatia ia diminuindo, se desestabilizando, e gradativamente a familiarização, por parte dos alunos, com o fonema e o grafema em estudo ia ocorrendo. Passado este período as aulas se tornavam mais proveitosas, os alunos mais participativos e a aprendizagem acontecia. Ao término das aulas sobre a letra M, tive uma grande surpresa! Uma aluna leu, para a turma, o texto que culminava a lição do livro. Foi uma euforia, comemoraram, ficaram muito felizes com a colega.

Neste momento, segundo OLIVEIRA (2010) esta aluna atingiu mais duas competências do processo de alfabetização. Aprendeu o código alfabético, que consiste na descoberta do valor dos fonemas, (som) das letras, e processou o reconhecimento automático das palavras. Passo paralelo ao processo de aprendizagem da decodificação.

A leitura, segundo SOARES (2001), do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma “tecnologia”), é um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos.

Chegou o momento de apresentar o fonema /n/ da lição 5 do livro, e nova “desacomodação” ocorreu na turma. Voltou toda a conversa, aquela agitação. Segundo palavras da professora Jaqueline Picette durante a interdisciplina de Alfabetização, “irei tirar os móveis do lugar, ou seja, vou trocar todos os móveis de lugar”, É o que acontecia com a turma no início de cada nova lição, o “desequilíbrio” se instalava ao introduzir um novo fonema.

Enquanto as aulas referentes a consoante /n/, da lição 5 aconteciam aos poucos a desacomodação foi dando espaço para a assimilação e a acomodação voltava à turma.



Ilustração 3 - Atividade do Manual da Consciência Fonêmica

Para se apropriar do princípio alfabético, o aluno deverá ter adquirido a compreensão de que as letras são símbolos, que são usados para representar os sons que formam as palavras. Identificar os componentes mais elementares da palavra: os fonemas.

Primeiro a criança deve ser capaz de identificar diferenças entre palavras como “Nilo” e “Lilo”, por exemplo: mudou uma letra, mudou a palavra. Depois ela deverá adquirir a noção de que uma palavra como “Nilo” e “Lilo”, comporta diversos “sons”. Inicialmente, a criança identifica uma palavra ou uma sílaba como sendo um som.

A consciência fonêmica surge quando a criança dá o passo seguinte, quando passa a identificar cada fonema como o que distingue “Nilo” de “Lilo”. Logo, será possível à criança, entender que a palavra é formada por letras, e que cada letra tem um valor sonoro. Ela aprende que existe uma correspondência entre sons e letras, entre os fonemas e grafemas. Podemos dizer que uma criança descobriu o Princípio Alfabético, quando ela percebe que ao mudar uma letra, muda o som, e muda a palavra. Exemplo: mato e gato.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais condenam a crença de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, que a compreensão da relação entre fonema/grafema, é conseqüência natural dessa ação, a consideram uma concepção equivocada, e apontam-na como a responsável pela produção de maus leitores, com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Como a turma estava assimilando, se apropriando da aprendizagem e dando conta da programação do projeto, procurei trabalhar a leitura do dia com Mapa Conceitual. Conteí e dramatizei a parlenda, “A Galinha Pintadinha”, e as crianças tinham que ilustrar a seqüência dos fatos da “história”. No princípio, os alunos ficaram aflitos com a proposta, pois eles tinham que prestar atenção compreender e interpretar para realizar o mapa conceitual. Pedi que realizassem as ilustrações conforme os acontecimentos e seqüência. Depois pedi que me contassem a história na ordem e fizessem as ligações entre os acontecimentos.

Foi bastante construtivo, porque desafiou os alunos. Mas também, foi possível perceber o quanto essa metodologia que praticamente não tem preocupação com a criatividade, com a construção do saber, deixa o aluno resistente para esta área da inteligência. Pois a maioria das crianças apresentou dificuldade em iniciar a produção do mapa conceitual. Parecia não quererem se arriscar, solicitavam que eu realizasse a atividade para eles.

“A Galinha Pintadinha” realização das alunas Kailaine e Eduarda (atividade realizada na sexta - feira)



Ilustração 4 - Mapa Conceitual da aluna (K) Parlenda: A Galinha Pintadinha



Ilustração 5 - Mapa Conceitual da aluna (E), Parlelenda: A Galinha Pintadinha

Os Mapas Conceituais, também chamados de Redes Semânticas, é uma ferramenta para representar conhecimento de forma organizada. Este suporte pedagógico foi desenvolvido na década de 70, por Joseph Novak, que desenvolveu a teoria dos Mapas Conceituais baseado na teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel, na qual os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com os conceitos (conhecimento prévio) que o aluno possui. Para Novak, o MC é uma representação gráfica em duas dimensões de um conjunto de conceitos construída de tal forma que as relações entre eles sejam evidentes. Os conceitos aparecem dentro de caixas enquanto que as relações entre os conceitos são especificadas através de frases de ligação nos arcos que os unem.

Esta relação, entre o conhecimento novo e o conceito prévio, foi possível evidenciar ao realizarmos o estudo sobre os cuidados no trânsito, com o corpo, em casa e na escola, (temas trazidos pelo programa de alfabetização na interdisciplina de Estudos Sociais) com o auxílio dos mapas conceituais. Porém, antes da construção dos mapas conceituais, ao longo das aulas que antecederam a esta, trabalhamos os conceitos de cada tema; a importância dos mesmos para nossa vida, saúde, convivência e cidadania.

A construção dos mapas conceituais foi de caráter conclusivo sobre o conhecimento construído ao longo do estudo durante o transcorrer das aulas sobre o mesmo. A construção dos mapas conceituais foi realizada em grupos e o envolvimento na atividade, foi geral, todos os alunos dos grupos envolveram-se com alegria dentro do seu grupo e assunto, mostravam satisfação no fazer. Evidenciavam o desejo de representar da melhor forma estes cuidados. Como

muitos na época ainda não sabiam escrever, sugeri que podíamos fazê-lo de forma ilustrativa para que todos pudessem dar sua contribuição no trabalho a ser realizado. Após a conclusão das ilustrações, foi realizada a colagem na folha de papel pardo e após tinham que fazer as conexões entre os desenhos estabelecendo as relações entre as ilustrações com setas construindo assim de forma significativa o novo conceito sobre o conceito anterior.

Foi muito interessante e também, gratificante vê-los se ajudando mutuamente levantando hipóteses sobre as certezas e as incertezas. Como por exemplo, os sinais, placas de trânsito. Ruas, carros, bicicletas, pedestres, faixa de segurança, evitar acidentes, harmonia no trânsito, culminando com respeito a vida.



Ilustração 6 - Mapa Conceitual cuidados no trânsito



Ilustração 7 - Mapa Conceitual cuidados no trânsito

Da mesma forma, a figura (8) abaixo mostra relações com o corpo, todos os cuidados de higiene e alimentação saudável, a não exposição ao sol em horário impróprio, o sono tranquilo e saúde bucal resultam em boa saúde.



Ilustração 8 - Aluna concluindo o MC sobre os cuidados do corpo

No transcorrer desta atividade com os mapas conceituais observei o quanto as crianças estavam envolvidas, embora o estudo ao qual estávamos direcionando o foco estar sendo apresentado através de ilustrações, foi muito construtivo. Fato que ficou transparente no momento em que cada grupo apresentou seu mapa conceitual e a través das colocações do líder de cada grupo, para o grande grupo.

Estando na oitava semana do estágio, já era explícito o “despertar” de mais alunos da turma, para a descoberta da leitura. Isto foi simplesmente maravilhoso!

Anteriormente dizia ter uma aluna na turma lendo, porém durante esta semana este número cresceu para cinco. Pode se dizer que estas crianças construíram, e estão dominando a competência do reconhecimento automático das palavras.

Para OLIVEIRA (2010), este é um passo paralelo ao processo de aprendizagem da decodificação e segue caminho para fluência de leitura, etapa do processo da alfabetização em que a criança deverá estar lendo cerca de duzentas e cinquenta palavras por minuto.

O mais interessante é que esta conquista da descoberta da leitura deixou os pequenos leitores muito empolgados. Eles queriam ler tudo que havia em volta, cartazes, as palavras expostas nas paredes da sala e etc. Essa “euforia da descoberta” foi algo bem positivo, porque foi um convite para os demais alunos da turma que estavam a um passo, também buscarem com mais interesse a construção do saber.

As solicitações pela minha presença em suas mesas se tornaram freqüentes, pois desejavam que escutasse as suas leituras. Estavam felizes por conseguir ler.

Neste momento do estágio passei a perceber que os alunos estavam começando a realizar abstrações que implicavam reflexão para constituir uma reorganização mental, e assim, por conseqüência deste processo de equilíbrio, as estruturas mentais foram se organizando, se reorganizando, para a construção do conhecimento, da assimilação e aquisição da aprendizagem.

Imagem de uma atividade em que o objetivo era a identificação dos fonemas nas palavras ditas por mim.



Ilustração 9 - -Identificando os fonemas (L/M) nas palavras

Conforme o planejamento do Programa de Alfabetização, a semana oito fora destinada para a revisão das Lições das semanas anteriores. As mesmas envolviam as vogais e as consoantes l, m, e n em seu conteúdo. Durante este período, além da retomada das atividades do livro, ainda criei uma atividade em que os alunos tinham que identificar o fonema e o grafema faltante para formar a palavra que resultaria no nome da figura. Foi bem interessante, porque para alguns foi um desafio, para

outros nem tanto, pois já estavam identificando os fonemas e grafemas sem dificuldades.

Percebi com estas atividades de revisão, a rapidez em que a criança processa a construção da aprendizagem. Foram poucos os que solicitaram minha ajuda para a realização das mesmas.

Imagem da aluna realizando a escrita por codificação fonografêmica, ou seja, falando consigo mesma e convertendo os sons da fala nas suas letras correspondentes.

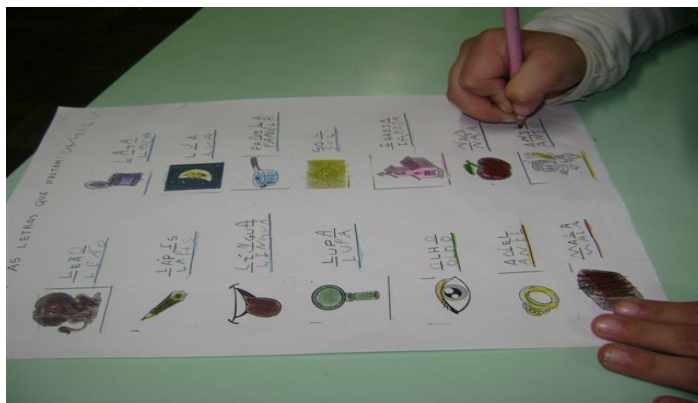


Ilustração 10 - Identificando os fonemas e grafemas faltantes nas palavras



Ilustração 11 - Identificando os fonemas e grafemas faltantes nas palavras

Neste momento quase todos deste grupo haviam construído a compreensão do que chamamos de princípio da decodificação.

Segundo Capovilla AGS, Capovilla FC.(2003), é possível dizer que, no estágio alfabético, as relações entre o texto e a fala se fortalecem primeiramente em relação à escrita e, depois, também em relação à leitura. Quando a criança aprende que a

escrita alfabética representa os sons das palavras, ela começa a fazer escrita por codificação fonografêmica, ou seja, falando consigo mesma e convertendo os sons da fala nas suas letras correspondentes.

Pelo mesmo princípio, mas no sentido inverso, a criança começa a ser capaz de fazer leitura por decodificação grafofonêmica, ou seja, convertendo as letras em seus respectivos sons e, então, repetindo mais rapidamente a seqüência toda de sons para si mesma, para que consiga entender o que está lendo, como se estivesse ouvindo uma outra pessoa falando.

Como a turma estava bem, inclusive adiantada em relação aos deveres dos livros decidi então, quebrar um pouco a rotina, abri um pequeno “parêntese” no planejamento e busquei trabalhar um pouco mais o texto Nome ou Apelido, trazido pelo livro do programa de alfabetização. Além das atividades programadas, eu oportunistei um espaço para reflexão sobre “apelidos bons” e “apelidos que chateiam”. Fizemos uma pesquisa com os familiares, a mesma foi dada como dever de casa. Na aula seguinte listamos os apelidos no quadro de giz. Depois fizemos a leitura e conversamos sobre os sentimentos que cada um destes apelidos pode causar as pessoas. Podendo estes ser bons ou ruins e que conseqüências negativas um apelido pode acarretar, caso a pessoa não goste do apelido, da mesma forma quais conseqüências positivas um apelido pode trazer para o sujeito caso ele goste de seu apelido.



Ilustração 12 - Atividade/“nomes – apelidos”- aluno/Felipe

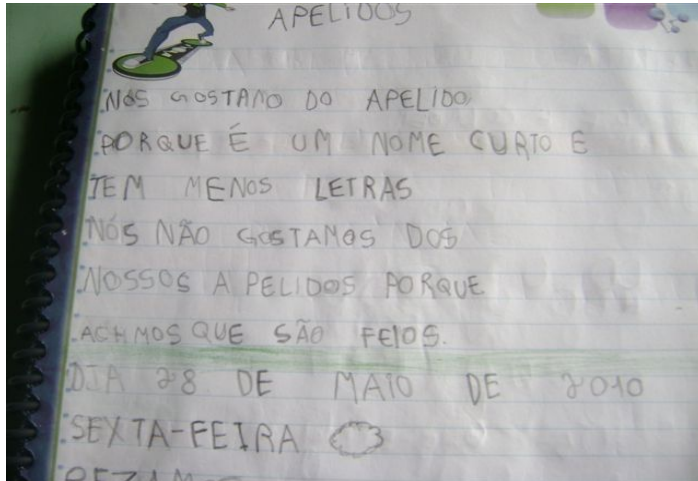


Ilustração 13 - Texto a partir do estudo dos “nomes - apelidos”

Os cartazes abaixo foram expostos na sala de aula.

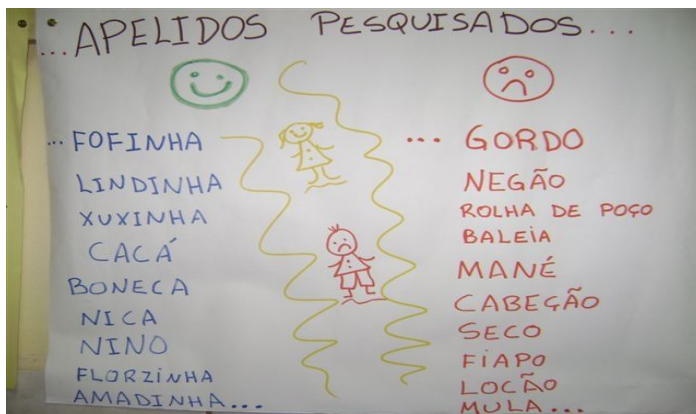


Ilustração 14 - Cartaz referente ao estudo sobre os “nomes – apelidos”



Ilustração 15 - Cartaz referente ao estudo sobre os “nomes – apelidos”

Culminamos este estudo confeccionando placas, com os apelidos buscados na pesquisa e os expomos na sala.



Ilustração 16 - Placas dos “apelidos” da pesquisa



Ilustração 17 Placas dos “apelidos” da pesquisa

Embora esta atividade tenha dado alguns desentendimentos entre os alunos, foi bem valiosa, porque eles concluíram que, dar apelido ruim aos colegas, realmente, não é uma atitude correta, porque podemos magoar o colega, e que todos têm um nome na certidão de nascimento, quando ao nascer, os pais o escolheram, e por este nome é que devemos chamá-los. O envolvimento dos alunos durante esta atividade sobre apelidos foi intenso. Eles adoraram, envolveu valores e é algo que diz respeito do “mundo” deles.

As minhas observações durante a realização desta atividade sobre os apelidos me remetem às palavras de Maria da Graça Nicoletti Mizukami, em sua obra, “Ensino: As abordagens do processo” 1986, p. 82. Segundo a autora, o método deve procurar estabelecer relações entre os diferentes ramos do saber e

não reduzir formalmente o conhecimento a matérias de ensino. O trabalho deve ser apresentado a partir de situações que gerem investigação por parte do aluno.

Foi exatamente este aprendizado que vivenciei ao trabalhar sobre apelidos com meus alunos, pois os apelidos era algo, que vinha gerando conflitos freqüentes entre os alunos. Desta forma, eles investigando, coletando dados e informações junto a seus familiares, isto fez com que se percebessem envolvidos pelo tema, pois é um assunto que diz respeito a eles. Além de trabalhar valores, também trabalhamos a escrita e a leitura destas palavras/apelidos. Foram momentos valiosos, os acrescentei ao planejamento por julgar necessário e o momento oportuno.

Refletindo sobre meu estágio, por conseqüência, o meu pensamento e minhas concepções sobre as construções dos saberes vão ao encontro às palavras de (Freire, 1996, p.63): “É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção, individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever”.

Logo, em outras palavras no desenvolver de suas práticas pedagógicas, a presença do professor como orientador, é muito importante para dar andamento ao processo de ensinar e aprender e durante esta construção conduzir os alunos de forma que os mesmos possam de forma autônoma chegar às suas conclusões, estabelecendo hipóteses, certezas e incertezas para chegar ao produto final, sua aprendizagem.

Durante meu estágio, inicialmente, me encontrei sem essa autonomia que Freire fala devido o Programa de Alfabetização, ao qual tive que me adequar. Isto porque, acreditava que deveria segui-lo sem nenhuma alteração, pois o mesmo chegou até mim pela Secretaria de Educação do Estado sendo um Programa fechado, com instruções de que deveria ser aplicado em sua íntegra.

Embora sabendo que o objetivo do Programa de Alfabetização “Afã e Beto” para o primeiro ano é unicamente Aprender a Ler, isso quer dizer, que no segundo ano o aluno deverá Ler para Aprender. Em outras palavras, a proposta objetiva que no primeiro ano a criança aprenda o código alfabético que consiste em decodificar fonemas/grafemas, ler e escrever com relativa fluência.

Sentia-me realmente muito mal comigo mesma, e refletindo sobre aquelas aulas “mecanizadas”, decidi enriquecê-las, pois já havia trabalhado com Mapas

Conceituais e realizado um ensaio de Projeto de Aprendizagem (PA) sobre o tema “nomes e apelidos”, com o auxílio das orientações dos meus professores orientadores da graduação, as ações resultaram positivamente. E ainda foi possível adequar paralelamente as aulas do método fônico.

E, a partir de então busquei, dentro das propostas do programa, propor metodologias de forma mais envolventes, com PAs pensados e elaborados a partir dos temas dos livros do programa acrescentados com idéias e acontecimentos trazidos pelos alunos. E assim, tornamos nossas aulas mais prazerosas com fazeres que os alunos se tornassem agentes de suas construções e, trabalhando com o método fônico igualmente.

Durante a semana nove, além de trabalharmos as atividades do programa, e as atividades do Método fônico, também desenvolvemos um Projeto de Aprendizagem sobre Valores.

O livro do aluno do Programa trouxe a história chamada: Chapeuzinho vermelho de raiva. Esta história fala de uma Chapeuzinho e de uma Vovó moderna, que escuta música de Rock, anda de motocicleta, ambas vivem na cidade e o lobo não existe mais.

Fiz provocações aos alunos questionando – os sobre o que poderia ter acontecido com o lobo. Por que ele não estaria na história, o que poderia ter acontecido com a floresta, qual seria a idade da Chapeuzinho etc.

Foi incrivelmente maravilhosa esta atividade, os alunos trouxeram várias hipóteses sobre o que poderia ter acontecido, sobre quais os motivos da história já não ser mais a mesma. Entre elas, o desmatamento, a urbanização e os meios de comunicação foram as que mais me chamaram a atenção.

Abaixo estão imagens de desenhos dos alunos sobre a História. Antes, porém, de construirmos o cartaz, cada aluno contou a versão da sua história para o grande grupo.



Ilustração 18 - Desenho sobre s história da chapeuzinho vermelho



Ilustração 19 - Desenho sobre s história da chapeuzinho vermelho

Durante minhas práticas busquei promover o diálogo, diversificando as atividades e tendo como principal objetivo, atender o interesse do educando, também, sob a luz dos ensinamentos de Fernández que nos diz: “Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (Fernández, 1991, p. 47 e 52).

Assim concluí meu estágio, com a certeza de que contribuí, para com o processo de construção do conhecimento, de cada sujeito inserido na turma. Talvez, tenha atingido alguns mais, outros menos, mas de uma ou de outra forma, ouve o crescimento. O que me traz muita satisfação e com a sensação de estar cumprindo com meu dever, pois eles serão meus alunos até o final do ano letivo e continuarei

desenvolvendo a autonomia sendo uma professora orientadora, mediadora no processo da construção e aquisição da aprendizagem dos meus alunos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre o método fônico e a aplicação de arquiteturas pedagógicas em um ambiente educacional integrando princípios pedagógicos.

Nestas últimas décadas a alfabetização e letramento está sendo tema de discussão entre os especialistas da alfabetização. Estes buscam caminhos que levem a melhorar a qualidade de ensino no Brasil. Portanto, já é notável a soma de esforços para a modificação deste quadro, pois é possível concluir que a alfabetização está tendo um avanço significativo, podendo apontar o ingresso da criança no 1º ano do Ensino Fundamental aos seis anos de idade, como um início de uma caminhada fortalecida na construção do processo da aprendizagem.

Dentre os objetivos para nosso educando está a leitura fluente, que deve ser adquirida nesta primeira etapa do ensino fundamental, mais precisamente no 1º ano.

Tanto os especialistas, quanto as autoridades governamentais estão engajadas neste desafio, pois saber codificar e decodificar não significa estar alfabetizado, letrado. Sabemos que alfabetização vai muito além do simples ato de ler e escrever, pois ler é a capacidade de compreender textos escritos, e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos.

Assim, a escrita é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos, e é também um processo de expressar idéias e organizar o pensamento em língua escrita. Logo, a leitura e a escrita se complementam.

No entanto saber ler e escrever deve ultrapassar a idéia de garantir o ingresso da criança no próximo ano, tendo em vista a grandeza e a possibilidade que o domínio da leitura e escrita nos proporciona.

Propor atividades pedagógicas com o método fônico e uso das arquiteturas pedagógicas e mapas conceituais têm apontado para caminhos e possibilidades novas na construção do processo da alfabetização e letramento, os quais não poderiam ser pensados sem sua presença. Tais atividades buscam o desenvolvimento de uma educação comprometida com a formação integral do cidadão e com a reconstrução crítica do conhecimento.

Assim, um dos desafios para a alfabetização e letramento é a interação do método com as arquiteturas pedagógicas tornando a aprendizagem significativa.

Para atingir a esse desafio, os professores deverão estar dispostos a buscar novas formas de ensinar e aprender que possibilitem a construção de práticas instigadoras e desafiadoras baseadas no conceito, conhecimento prévio, suas certezas e incertezas para a construção da aprendizagem.

Com a construção e aplicação de arquiteturas pedagógicas, unidas a metodologia fônica pude me aproximar dos ideais pedagógicos propostos por Paulo Freire, oportunizando a autonomia dos alunos. A proposta de trabalho com arquiteturas pedagógicas é muito mais do que realizar ações pedagógicas é, pois tornar-se um professor mediador, questionador, facilitador, no qual o aluno se torna agente transformador do seu conceito anterior, em um novo conceito, ou seja, torna-se sujeito de suas construções, de seus saberes e aprendizagens.

Acredito que eu tenha conseguido resultados positivos consolidando a metodologia fônica às arquiteturas pedagógicas, pois a utilização dos mapas conceituais e os projetos de aprendizagens vieram a contribuir com o desenvolvimento de um trabalho cooperativo, colaborativo e interativo.

A partir do que foi exposto, concluo que é muito importante, para o processo de ensino e aprendizagem, que o professor conheça tanto as teorias de aprendizagem como os recursos disponíveis que podem ser aplicados em várias metodologias de ensino.

Com a realização deste trabalho somada a reflexão sobre ele, adquiri um maior conhecimento sobre arquiteturas pedagógicas aplicadas em sala de aula. Pude descobrir, na prática, um dos novos papéis do professor na sociedade do conhecimento: o de auxiliar os alunos a procurar, selecionar, informações e produzir conhecimento a partir delas. Esse perfil de professor vem ao encontro do que propõe Freire (1996, p. 26):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Com o uso das arquiteturas pedagógicas, a relação entre educandos e educadores tende a ser mais próxima, podendo-se, através do diálogo e da afetividade, cultivar, explorar e manter a motivação que os alunos apresentam ao pesquisar e construir seu conhecimento. O uso de arquiteturas pedagógicas permite aos alunos disporem de atividades instigantes e desenvolve métodos de trabalho interativos e construtivos.

Percebi, em geral, que foram bastante positivos os resultados obtidos com a prática de arquiteturas pedagógicas, principalmente no que diz respeito à motivação dos alunos e ao interesse pelas aulas.

Toda minha inquietação, ao iniciar o estágio em relação o método fônico, as aprendizagens construídas durante minha caminhada, enquanto acadêmica relatadas neste trabalho e sob a luz dos ensinamentos dos grandes pensadores citados neste estudo, me tornaram não somente ensinante, mas sim, aprendente.

Adquiri novos conhecimentos, ao proporcionar aos alunos condições para a produção de aprendizagens significativas e prazerosas, o que é, enfim, a proposta maior do uso das arquiteturas pedagógicas no contexto da sala de aula.

Enfim, uma grande experiência e uma grande lição ao mesmo tempo, para minha vida pessoal e profissional. Hoje, esta reflexão me remete as palavras do nosso querido professor Paulo Freire, em entrevista concedida para o Departamento de Formação Profissional dos Funcionários do Banco do Brasil em 1994, quando assim se expressou:

“Hoje, eu tenho certa autoridade como pedagogo, como gente, para dizer que esse projeto tem sentido, Para mim, é uma alegria eu não ter morrido antes e que possa dizer, gravar, publicar, escrever, fazer discursos em beira de estrada, que esse é um projeto pelo qual vale a pena brigar e no qual vale a pena lutar”

3.1 REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.Paul. **Aprendizagem Significativa**. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizagem_Significativa: Acessado em: 12/11/10

CAPOVILLA AGS, CAPOVILLA FC. **Alfabetização: método fônico**. 2. ed. São Paulo: Memmon; 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 6ª edição, 1979, p. 79.

HERNÁNDEZ, Fernando; trad. RODRIGUES, Jussara Haubert. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**, editora ArtMed, Porto Alegre, 1998, p.88 e 89.

KAMINSKI, kristhian e GIL, Patrícia. **Aprendiz, revista educação**: Disponível em:http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/agosto01/capa.htm .Acessado em 10/11/2010.

LEMOS, E.S. **A aprendizagem significativa: estratégias facilitadoras e avaliação**. Série Estudos-Periódico do Mestrado de Educação da UCDB, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, n.21, p.53-66, jan/jun 2006.

MAURÍCIO, Juliana Tavares. **Aprender Brincando: O Lúdico na Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp140.htm> : Acessado em 11/11/10.

MORAES, José. **A Arte de Ler**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 1996.

NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O lúdico nas interfaces das...** Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludico-int.htm>. Acessado em 8/11/2010

NOVACK, Joseph Donald. **Mapas Conceituais**: Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Novack. Acessado em: 12/11/10

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. **Alfabetização de crianças e adultos: novos parâmetros**. 5ª edição, Belo Horizonte, 2006.

_____. Manual de Orientações. 9ª edição, Belo Horizonte, 2010. .

PCN's, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental.V 2. Brasília: 1997.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.145.

READING, Report of the Panel National :**Teaching Children to Read** Reports of the Subgroups: Disponível em: <http://www.nichd.nih.gov/publications/nrp/report.cf>
Acessado em 15/11/10.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____, **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

3.2 Anexo

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E TRABALHOS ESCOLARES

Eu, abaixo assinado, identificado e responsável pelo(a) _____ autorizo o uso da imagem, como também, todo e qualquer material entre fotos e trabalhos escolares deste(a), realizados durante o estágio supervisionado da professora acadêmica, Anete Terezinha Severo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para compor a monografia, Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia, e no material a ser utilizado na apresentação da Defesa da Tese da graduanda.

A presente autorização abrange os usos acima indicados sem qualquer ônus a E.E.E.F.Cel. Januário Corrêa, a estudante Anete Terezinha Severo, e a UFRGS, por estarem expressamente autorizadas, para o uso dos devidos fins citados acima.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem e trabalhos escolares, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Montenegro - 2010.

ASSINATURA

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):